

- Comentário de Murilo Moreira Veras



DORIAN GRAY : A BUSCA DA ETERNA JUVENTUDE

Murilo Moreira Veras

“**O** Retrato de Dorian Gray” constitui certamente um clássico dentre os clássicos da literatura mundial. Seu autor, *Oscar Fingal O’ Flahertie Wills Wilde*, era irlandês, mas viveu algum tempo em Paris e nos Estados Unidos (16.10.1854 - 30.11.1900). Seu personagem, **Dorian Gray**, fez jus a seu criador, *Oscar Wilde*, ele mesmo personagem de rumoroso escândalo na Inglaterra vitoriana, acusado de sodomia com o filho do marquês de Queensberry, Lorde Alfred Douglas, o Bosi, motivo pelo qual o escritor, também poeta e teatrólogo, foi condenado por esse considerado, à época, crime de costume, tendo cumprido pena em prisão londrina.

Tirante tais aspectos, sem, contudo, elidí-los à construção da trama novelesca, sabe-se que Oscar Wilde escreveu essa obra para disseminar suas ideias, na esperança talvez de minorar seu julgamento perante o público e a crítica inglesa, o que parece não ocorreu, diante das recriminações que a obra recebeu.

O enredo do romance, seu *plot*, diga-se de passagem, não é absolutamente original. Tem aproximações evidentes com vários outros autores, dentre os quais *Robert Louis Stevenson* (O Estranho Caso de Dr. Jekyll e Sr. Hyde), *Edgard Allan Poe* e *Conan Doyle*, considerados escritores da modalidade ficcional dita fantástica ou horrorífica. Sem falar noutras obras pertinentes com que se afina, como *Frankenstein* de *Mary Shelley*, *Drácula*, *Bram Stoker* (1897) e até mesmo *Fausto*, de *Goethe*.

Fala-se também – segundo o prefaciador – que Wilde teria se inspirado num acontecimento verdadeiro e até visto o quadro, pintado por um tal Basil Ward, de um belo jovem e que o escritor, extasiado com a pintura, teria exclamado: “... é uma pena que tal gloriosa criatura um dia envelheça”, ao que respondeu o pintor: “seria maravilhoso se ele pudesse permanecer exatamente como ele é; a imagem do quadro que deveria ganhar as marcas do tempo.”

Do ponto de vista literário, a obra é um clássico, sobretudo quando lida em seu texto original, as construções vernaculares, nem tanto tiradas ao vazo shakespeariano, que outros são os tempos da escritura, notório *fin-de-siècle*, mas ainda assim observa-se o sotaque algo barroco de sua ourivesaria. Veja-se, por exemplo, esta construção em inglês: “*It was curious my not wanting to know her, wasn’t it?*” (pag.71). Ou estoutas: “... *He went towards the little pearl-colored octagonal stand...*”(pag. 154) e “...*lying sleepless in his own delicately-scented chamber, or in the sordid room of the little ill-famed tavern near the Docks...*”(pag. 159) ou ainda “... *the pistachio-colored peridot... with tremulous four-rayed stars...*” (pag. 169). Tais construções se espalham por todo o livro e espelham o tom clássico do inglês.

Esse tipo de análise nos levaria a praticamente estudar o estilo e a linguagem empregados e suas possíveis conotações ao nível propriamente semântico da estilística romântica, acompanhando os autores do fim do século. Descartamos a crítica propriamente literária, pois ensinaria outra tipo de perspectiva à obra sub judice.

É claro que toda escritura, ficção ou não-ficção, requer um sentido. Nenhum escritor (ou escrevinhador) escreve por escrever, mesmo em se tratando do

célebre *fluxo de consciência* preconizado por *Gertrud Stein* no qual se influenciaram os autores da chamada *geração perdida*.

Qual o significado dessa novela de Oscar Wilde? Qual a mensagem que o autor nos passa e o que podemos inferir dessa sua exótica alegoria sobre um personagem que busca a eterna juventude? Podemos contextualizá-la para os dias atuais?

Creio eu que essas as nuances mais importantes da ficção do estouvado escritor irlandês, cuja obra, relativamente extensa para quem viveu apenas 45 anos, engloba poemas, ensaios, peças teatrais, críticas literárias e aforismos filosóficos. Levando uma vida de dândi por opção, que ele dizia estética, Wilde na realidade tentou justificar seu comportamento amoral sob prisma essencialmente artístico, ao mesmo tempo que criticava o farisaísmo da cultura e sociedade inglesas, ambas mergulhadas no preconceito vitoriano. Para tanto usou e abusou de seu talento, como fosse uma espécie de Apolo infenso à vida e às contingências sociais e culturais. Desse modo, o personagem *Dorian Gray*, aquele moço que resistia à corrosão do tempo, era ele próprio. Mas como ele queria um defensor perpétuo para suas ideias e comportamentos extravagantes, elegeu um mestre, a cujos princípios se submetia, espécie de Dr. Pangloss – aquele curiosíssimo personagem criado por *Voltaire*, em sua novela *Candide*. O mundo de *Dorian Gray* passou a ser o mundo possível preconizado por Pangloss, agora ajustado à nova circunstância, por ele imaginada e vivida. Então, surge, na trama, essa figura controversa que é o Lord Henry Wotton, um Pangloss verberando sobre as vantagens paradisíacas do hedonismo como filosofia possível e aceitável.

Assim como o personagem de Robert Louis Stevenson, que se escondia em dupla personalidade, a de um médico (*Dr. Jekyll*) e a de um assassino (*Mr. Hyde*), *Dorian Gray* incorporou também a duplicidade. Ora era o charmoso dandy que desfrutava de todas as benesses da nobreza ociosa, ora o insaciável psicopata que se escondia no mundo da marginalidade. Para manter esse pacto sinistro da eterna juventude, ele vende a própria alma – o retrato a forma do contrato no qual o tempo ia esculpindo as cláusulas de sua corrosão e também todas as monstruosidades que o físico praticava.

Não estaria o autor, na sua perspectiva estética, a construir uma filosofia original de que o corpo é o espelho da alma e a alma, de sua vez, o espelho do corpo? O que o corpo faz está escrito na alma, o seu espírito; o que o espírito ou a alma faz o corpo físico o estigmatizará. Ora, em outras palavras, é a teoria do pecado, do mecanismo da salvação versus perdição.

Essas filigranas simbólicas não são gratuitas, basta o cuidado de verificar que *Dorian Gray*, talvez como parte de seu farisaísmo interior, em determinados momentos passa a frequentar assiduamente os cultos católicos e adotar os ritos e formalidades da Igreja (pag.165 e seguintes). Alguma insinuação sutil ao farisaísmo cristão?

Noutro passo, em leitura ainda mais subliminar, pode aflorar na trama supostamente original do autor de *De Profundis* a grande revelação, por ele mesmo feita, através desse personagem ambíguo, de que a fruição dos prazeres puramente materiais (o esteticismo hedonista) deturpa a alma, o espírito e que corrida em busca da eterna juventude não passa de uma ilusão do corpo, inalcançável. Em contrapartida, o livre arbítrio, exercido às cegas e de forma primitiva, pela eclosão das paixões exacerbadas, atinge diretamente a alma, o retrato sua representação como o espelho da alma deformada.

Se podemos contextualizar a obra de Wilde para o nosso tempo, eis um bom tema para nossa discussão e reflexão, quando vemos essa juventude atual aglomerada em multidão enlouquecida para ouvir músicas sem nexos, sob a alucinação de sons e berros animais – e o pior, elegendo como símbolos pessoais criaturas vazias e desesperadas, sem absolutamente nada a oferecer, senão uma vida de erros, drogas e deseducação. Seria recomendável que esses jovens lessem a trágica história de *Dorian Grey*.